

ANJOS E SANTOS

Scott Hahn

ANJOS E SANTOS

Um guia bíblico para a amizade
com os que estão junto de Deus

Tradução de
Diego Fagundes



QUADRANTE

Copyright © 2014 by Scott W. Hahn

Esta tradução é publicada mediante contrato com a Image Books, um selo da Crown Publishing Group, divisão da Penguin Random House LLC

Capa
Gabriela Haeitmann

Título original
Angels and Saints: A Biblical Guide to Friendship with God's Holy Ones

Ilustração da capa
O Juízo Final (1568-1579), de Giorgio Vasari e Federico Zuccari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hahn, Scott

Anjos e santos : um guia bíblico para a amizade com os que estão junto de Deus / Scott Hahn ; tradução Diego Fagundes – São Paulo: Quadrante, 2ª edição 2025.

Título original: *Angels and Saints: A Biblical Guide to Friendship with God's Holy Ones*.

ISBN: 978-85-54991-12-8

1. Anjos – Igreja Católica 2. Santos cristãos 3. Vida espiritual – Igreja Católica I. Título II. Série

18-17255

CDD 235

Índice para catálogo sistemático:

1. Seres espirituais : Ensino bíblico : Cristianismo 235

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Introdução	9
1. Incidente em Assis: a ciência dos santos	15
2. Só Vós sois o Santo	27
3. Por <i>todos</i> os santos	45
4. O que fazem os santos?	55
5. Questão de veneração	65
6. Reúnem-se os anjos	73
7. São Miguel e os anjos	81
8. Um santo chamado Moisés	87
9. São Paulo, filho de Deus	97
10. Santo Inácio de Antioquia, trigo de Deus	105
11. Santo Irineu de Lião, bendito pacificador	113
12. São Jerônimo e seu círculo	121
13. Santa Mônica e seu filho	129
14. São Tomás de Aquino, teólogo bíblico	139

15. Santa Teresa de Lisieux, a santa das pequenas coisas	147
16. São Maximiliano Kolbe, o santo de Auschwitz	155
17. São Josemaria Escrivá, um santo nas ruas	165
18. Rainha de Todos os Santos, Mãe da Igreja	175
Últimas palavras	185
Bibliografia	189

Aos nossos queridos netos, futuros santos:

Josephine Mirelle Hahn

Leo Gregory Reinhard

Lucy Josephine Hahn

Gabriel Kolbe Hahn

Bernadette Martha Hahn

Elizabeth Coeli Hahn

Naomi Thérèse Hahn

Veronica Margaret Hahn

Introdução

A Igreja e os que estão junto de Deus

Quando alguém fala sobre «a Igreja», sabemos o que isso significa, ou pelo menos achamos que sabemos.

É a paróquia que frequentamos aos domingos, que tem ótimas homilias e boa música (ou talvez não).

Ou pode ser aquela instituição grande e antiga da qual fazemos parte, que é um pouco difícil de explicar e que nos decepciona de vez em quando.

Este livro é sobre a Igreja da qual às vezes nos esquecemos: a Igreja celeste.

A Igreja celeste não é uma Igreja diferente, ou mesmo parte de outra denominação. É a verdadeira Igreja, em sua essência, em sua perfeição essencial. É assim que a vemos nos últimos capítulos do Apocalipse: como uma noiva radiante, apresentada a Cristo, seu noivo, em meio a uma grande ceia nupcial. Mas essa Igreja não está apenas no futuro: está também no presente. É a Igreja onde Jesus, sua Santa Mãe e todos os anjos e santos vivem hoje na glória. Estamos unidos a eles pela graça, assim como eles estão

inteiramente atentos a nós: por amor, para ajudar a Igreja peregrina a viver aqui na terra cada vez mais como eles vivem no céu.

Quando me tornei católico, era um jovem teólogo que começava a familiarizar-se com as grandes tradições. Lendo os teólogos de séculos atrás, deliciava-me com aquelas exposições sobre a Igreja: suas quatro notas (una, santa, católica e apostólica) e seus três estados (militante, padecente e triunfante). Mas também percebi algo estranho. Percebi que eles constantemente usavam uma expressão curiosa para descrever a Igreja. Segundo esses autores antigos, a Igreja era uma «sociedade perfeita».

Aquilo soou esquisito para mim, porque a Igreja que eu conhecia – a que me havia recebido como um converso cheio de gratidão – era bonita, maravilhosa até, mas estava longe da perfeição. Tinha uma história rica, uma arte gloriosa, coerência intelectual e sucessão apostólica demonstrável. Mas também era abalada por escândalos e dirigida por sacerdotes com variados graus de competência e diferentes níveis de antipatia. Muitos de seus membros pareciam indiferentes às suas glórias e, nos melhores casos, seu compromisso era bastante intermitente.

E, contudo, os antigos teólogos não diziam simplesmente: «Essa é a melhor sociedade que você vai conseguir encontrar; portanto, ponha um sorriso no rosto e agente firme». Em vez disso, diziam: «Essa é, de fato, a sociedade perfeita».

Perfeita? Só se fosse uma perfeição invisível.

Pois essa era a questão. A perfeição essencial não pode ser vista: é celeste. Deus compartilhou sua vida com a Igreja, divinizando-a. E a glória divina é invisível aos nossos olhos mortais, pelo menos por enquanto.

Mas a sociedade perfeita também é a Igreja que conhecemos. Mesmo a Igreja terrena é perfeita, porque possui todos os meios necessários para aperfeiçoar seus membros. E entre esses meios estão os anjos e os santos.

Nenhum de nós será canonizado antes de ter chegado em casa, isto é, antes de ter morrido e chegado ao céu. Enquanto esse dia não chega, voltamos o olhar para a Igreja celeste, cujos membros carregam as quatro notas de maneira mais intensa e verdadeira do que nós. Queremos ser mais semelhantes a eles ao longo dos nossos dias na terra. E fazemos isso crescendo em amizade com eles.

Não há duas igrejas: uma terrena e outra celeste. Deus não segrega sua elite sublime e celeste da multidão de pessoas comuns que esquentam os bancos das igrejas na terra. Você e eu acreditamos numa Igreja que é, a um só tempo, celeste e terrena. Nessa Igreja, os santos estão presentes e disponíveis para nós. São parte da nossa família. São irmãos mais velhos, só que purificados de toda a rivalidade, impaciência e irritabilidade. Querem nos ajudar a ser como eles são (santos). Querem nos ajudar a chegar em casa.

É por isso que Deus apresenta a sua Igreja a Cristo como uma noiva, no meio de um banquete de casamento. É uma questão familiar. É assunto de família.

Este livro é uma celebração dessa sociedade perfeita, dessa ruidosa família: a Igreja celeste. Começaremos com alguns capítulos introdutórios sobre a santidade em geral antes de passar a uma série de capítulos sobre alguns santos específicos.

Os capítulos da segunda parte são meditações curtas que focam apenas um ou dois aspectos dos pensamentos e das conquistas de um santo. Há muitos outros santos e

muito mais a aprender; portanto, espero poder inspirá-lo a dar início à sua própria pesquisa.

Este livro não contém um catálogo de santos, mas apenas uma pequena amostra deles. Tentei preservar aqui uma variedade que fosse representativa do todo, incluindo anjos e pessoas comuns, personagens do Antigo Testamento e do Novo, leigos e clérigos, antigos e modernos. À medida que preparo o livro para publicação, no entanto, noto que os santos escolhidos tendem a ser aqueles com os quais eu tenho algo em comum. São, em sua maior parte, professores, acadêmicos e escritores. A diversidade presente na Comunhão dos Santos é muito maior do que a que trago representada neste livro. Se um dia você decidir escrever seu próprio livro, tenho certeza de que sua lista será diferente da minha.

Cada capítulo traz também textos do santo em questão ou escritos sobre ele. Procurei escolher passagens que inspirassem a oração e nos exortassem a imitar as virtudes de cada personagem. Esses escritos aparecem sob o título «Medite no coração», uma frase inspirada nos dizeres de São Lucas sobre a Rainha de Todos os Santos: *Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração* (Lc 2,19).

Rezo para que esses santos nos levem a uma compreensão mais profunda da Igreja, a sociedade perfeita da qual eles participam conosco.

PARTE I

1. Incidente em Assis: a ciência dos santos

Assis representa uma espécie de ideal hollywoodiano de paraíso na terra. As construções da cidade – seus hotéis, lojas e restaurantes – são todas medievais, ou pelo menos parecem sê-lo. Olhando em qualquer direção, vemos colinas verdejantes e ondulantes que parecem paisagens pintadas pelos antigos mestres. Poucos carros transitam pelas ruas de paralelepípedo, mas a qualquer momento é possível se ver no meio de um grupo de pedestres vestidos com hábitos marrons.

É a cidade de São Francisco e de Santa Clara, e seus moradores têm orgulho disso. Esforçam-se por preservar a autenticidade dessa atmosfera franciscana para as centenas de milhares de peregrinos e turistas que visitam a cidade todos os anos. Assis é também a cidade de santos menos conhecidos, como Santa Inês (irmã mais nova de Santa Clara), São Gabriel de Nossa Senhora das Dores, São Rufino e São Vital, o eremita beneditino.

Por fim, Assis é a cidade de uma miríade de anjos. Uma de suas fortalezas centenárias chama-se Rocca Sant'Angelo – em português, Forte do Santo Anjo –, e a mais preciosa den-

tre suas várias igrejas é a Basílica de Santa Maria dos Anjos, que abriga a Porciúncula, a capela de São Francisco.

São tantos anjos e santos que o tempo fica curto. Eu e minha esposa, Kimberly, já tínhamos feito viagens rápidas a Assis, mas queríamos andar novamente pelas ruas da cidade numa peregrinação mais atenciosa e familiar. Por isso, anunciamos uma visita em grupo e nos dispusemos a ser os anfitriões de mais de uma centena de peregrinos americanos.

Na ocasião, não hesitamos em acreditar no médico quando ele nos disse que o nosso filho Joe, então com sete anos de idade, estava apto a fazer a viagem, muito embora tivesse passado por uma apendicectomia de emergência apenas duas semanas antes do nosso voo. Segundo o médico, Joe estava se recuperando de maneira exemplar, e não havia sinais de infecções ou complicações.

Joe, por sua vez, nem precisava que um médico lhe dissesse que estava pronto para viajar. Irrefreável, cheio de vida e dono do físico mais robusto da família, Joe sempre topava qualquer aventura. E Assis, com suas colinas e becos labirínticos, com seus fortes e castelos, prometia-lhe uma jornada cheia de episódios saídos direto de um livro de ficção, ou das *Vidas dos santos*, de Alban Butler¹.

Em Assis, Joe viveu (aliás, nós vivemos) uma aventura bem maior do que se esperava, uma aventura de um tipo diferente.

O prognóstico de saúde dado pelo médico foi confirmado pela agitação de Joe no voo para Roma e também, em seguida, na viagem de ônibus por entre as montanhas

(1) Compêndio das vidas dos santos publicado originalmente no século XVIII pelo sacerdote inglês Alban Butler. (N. do E.)

até Assis. A jornada do meu filho começava ali; ele era o explorador, o cruzado, o verdadeiro peregrino. Na figura de pais preocupados, Kimberly e eu estávamos sempre em alerta para quaisquer sinais de cansaço e, ocasionalmente, cumpríamos a função obrigatória (porém inútil) de dizer a um menino de sete anos que relaxasse e descansasse um pouco.

Nosso primeiro dia não foi cheio e incluiu apenas alguns dos lugares associados à vida dos santos locais. Foi o suficiente, no entanto, para garantir uma boa noite de sono à família inteira – inclusive Joe – quando voltamos para o hotel e pusemos a cabeça no travesseiro.

Partimos cedo na manhã seguinte, pois tínhamos um dia cheio pela frente. Mas aquele segundo dia seria muito diferente. Logo na primeira hora, notei que Joe estremecia e parava de vez em quando. Uma hora depois, ele já se curvava de dor ao parar. Inicialmente, quando perguntei como estava, ele protestou, dizendo que estava bem e que não tinha nada além de uma câibra. Logo ficou claro, no entanto, que ele não conseguiria continuar a peregrinação. Kimberly chegou a tirar o nosso bebê David do carrinho dele para que Joe pudesse continuar o trajeto ali, sentado.

Era óbvio, no entanto, que isso não bastaria. Pedimos ao nosso guia que chamasse um táxi para que pudéssemos ir ao médico. Kimberly e eu dividimos as tarefas: ela ficaria na cidade antiga com nossos outros filhos, e eu acompanharia Joe na visita ao hospital.

A educação pela dor

O táxi nos deixou em frente a um prédio bastante modesto e humilde: *Ospedale di Assisi*. Não era exatamente o que eu esperava ver, sobretudo em comparação com o que

normalmente encontramos em cidades turísticas nos Estados Unidos. A aparência externa do prédio não me inspirava muita confiança. A característica que todos amam em Assis – o fato de parecer uma cidade estacionada na Idade Média – era o que eu menos queria encontrar em suas práticas medicinais.

Minhas preocupações foram levemente aplacadas pela expressão amigável dos funcionários do hospital. No entanto, ao cumprimentá-los, identifiquei outro motivo de preocupação: era nítido que sabíamos poucas palavras em comum além dos cumprimentos iniciais. Eles disseram *hello* daquele jeito hesitante, e nós dissemos *buon giorno* com nosso sotaque meio patético. Em seguida, com gestos e frases improvisadas, fizemos o possível para explicar o histórico médico de Joe e seus sintomas atuais.

Minha ansiedade estava nas alturas, pairando acima da Rocca Sant'Angelo, que dá vista para a cidade inteira. Joe, por sua vez, se contorcia de dor no meu colo.

O pessoal da recepção nos levou direto para a sala de raio X; o técnico especializado acabava de chegar. Ele claramente era um dos bombeiros da cidade e, quando apareceu, ainda vestia o sobretudo e as galochas do uniforme. O técnico fez seu trabalho tão rápido quanto possível, operando aquela máquina de raio X que, aos meus olhos de leigo, parecia já ter algumas boas décadas de idade.

Em seguida, continuamos a nossa peregrinação hospitalar e fomos até o consultório para esperar o *dottore*. Felizmente, a espera foi curta e o médico chegou rápido. Além disso, como que em resposta às minhas preces urgentes, ele falava um inglês razoável.

O médico examinou o prontuário enquanto eu expliquei a situação toda: a cirurgia de Joe, sua recuperação

«exemplar» e, por fim, aquela nova crise. Ele balançou a cabeça afirmativamente e passou a tocar alguns pontos do abdome de Joe, que logo começou a reclamar de dor.

Em seguida, o médico saiu comigo para o corredor e disse as palavras que eu queria ouvir: «Acredito que seu filho vai ficar bem». Em seu inglês limitado, ele me explicou que a dor naquele momento estava num ponto «seguro». No entanto, se passasse para o outro lado, Joe precisaria ser operado imediatamente. «E isso seria um problema e tanto, não apenas porque teríamos que operá-lo, mas porque teríamos que operá-lo *aqui*». O tom do doutor parecia indicar que *ali* não era o lugar mais indicado para se fazer uma cirurgia.

Demos entrada no hospital para que Joe ficasse em observação durante a noite. Ele, que normalmente tinha uma fome de leão, estava sem apetite. Era um menino que raramente reclamava, mas naquele momento só gemia de dor e chorava no travesseiro.

Tentei mantê-lo entretido, puxando conversa sobre trivialidades, e ele de vez em quando tentava se concentrar num videogame portátil, mas a dor consumia praticamente toda a sua atenção e partia o meu coração de pai. Por volta das dez horas da noite, perguntei-lhe: «Onde está a dor agora? Ainda no mesmo ponto?» Ele respondeu: «Não, passou para o outro lado». Perguntei se ele tinha certeza. Ele respondeu que sim.

Joe não tinha ouvido minha conversa com o médico; não sabia, portanto, o quão sério era aquilo que acabava de dizer. Pedi licença a ele e fui correndo procurar uma enfermeira para que ela contatasse o doutor. Peguei um pedaço de papel e escrevi, em inglês: «Dor mudou de lado. Perigo».

Voltei para o quarto e fiquei esperando o médico chegar. Joe se contorcia e gemia de dor. Tentei acalmá-lo e os gemidos foram virando resmungos baixos na medida em que ele, completamente exausto, pegava no sono de vez em quando. Sem saber quando o socorro finalmente chegaria, apaguei as luzes e fiz a única coisa que me restava.

Caí de joelhos e rezei. Com grande aflição, implorei pela ajuda de Deus de forma totalmente genérica e confusa.

De repente, fui invadido por uma sensação muito vívida de presença.

Deus estava comigo naquele quarto. Se alguém tivesse acendido as luzes naquele momento e eu O tivesse visto, não teria me surpreendido. Deus se aproximou de mim quando me vi indefeso. Tive a nítida sensação de que Ele me perguntava: «Você está com medo de quê?»

Fiquei sem reação, mas respondi com franqueza e em silêncio: «Como me faz uma pergunta dessas? O Senhor sabe do que eu tenho medo. Tenho medo de perder meu filho numa cirurgia feita num lugar que não está preparado para lidar com esse tipo de emergência. Eu o amo e não quero perdê-lo».

E, com a mesma clareza, senti a resposta de Deus: «É só isso?»

Eu não poderia ter imaginado essa resposta. Não poderia tê-la inventado na minha cabeça. A mim me parecia que Deus, Aquele que é infinitamente bondoso, que tudo sabe e tudo vê, estava fazendo pouco das minhas preocupações. Mas já que Ele havia feito a pergunta, respondi com toda a firmeza: «Bem, não, não é só isso. Também tenho medo do que aconteceria com a minha esposa, mãe do meu filho. Ela ficaria completamente arrasada».

Novamente, veio a resposta: «É só isso?»

Eu continuei: «Não, não é só isso. Joe tem irmãos. E nós estamos todos aqui em peregrinação, longe de casa. Somos responsáveis por uma centena de peregrinos. O que devo fazer? Abandoná-los?»

«E é só isso?»

Comecei a me dar conta de que esses medos, que pareciam óbvios para mim, estavam na superfície, mas tinham ligação com medos mais profundos, mais sutis, relacionados com a vida da minha família, a minha vida pessoal e profissional, o meu receio de não alcançar o sucesso, de enfrentar a perda e a humilhação. Num instante, minha vida surgiu diante de mim como uma teia de medos, problemas, inquietações, ansiedades e preocupações. Até aquele momento eu não tinha me dado conta disso.

Mas Deus tinha. Vi com clareza que Ele não estava me interrogando em busca de informações novas. Ele estava me questionando para que eu formulasse as respostas, também para me mostrar o quanto minha vida era controlada pelo medo.

Vieram-me à mente as famosas palavras do então papa, São João Paulo II: «Não tenham medo». Ao dizer isso, ele ecoava as palavras de Jesus (cf. Mt 28,10) e dos anjos (cf. Lc 1,13; 2,10). Ninguém – nem Jesus nem os anjos nem João Paulo II – disse que não havia motivo para ter medo; o que fizeram foi nos exortar a superar o medo, a vencê-lo, a aceitar a graça que Deus nos estendeu por meio das nossas provações.

Foi aí que Assis fez jus à sua reputação. De repente, percebi que Joe e eu não estávamos sozinhos naquele quarto. Longe disso. Deus estava ali, mas havia ainda muitos outros ao meu lado. Senti a presença da Santíssima Virgem

Maria, dos nossos anjos da guarda e dos santos cujos passos eu vinha percorrendo: São Francisco e Santa Clara. Estavam ali também o Padre Pio, Santa Teresinha do Menino Jesus, São Tomás de Aquino e São Josemaria Escrivá: santos que haviam exercido grande influência sobre a minha vida espiritual e intelectual. *Eles realmente estavam ali*, na presença de Deus. E estavam ali porque de fato se importavam comigo, com Joe, com Kimberly e com os peregrinos: intercediam por todos nós.

Naquele momento conheci, como que pela primeira vez, a verdade da Escritura quando nos diz:

Desse modo, cercados como estamos de uma tal nuvem de testemunhas, desvencilhemo-nos das cadeias do pecado. Corramos com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo no autor e consumidor de nossa fé, Jesus. Em vez de gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz e está sentado à direita do trono de Deus (Hb 12,1-2).

Os santos – isto é, *a nuvem de testemunhas* – nos incentivam a ir em frente à medida que avançamos seguindo os passos de Jesus, «Autor da nossa fé», e tomamos a parte que nos cabe em sua Cruz.

O mesmo capítulo da Carta aos Hebreus reconhece a presença de *miríades de anjos* juntamente com os santos, *as almas dos justos que chegaram à perfeição* (Hb 12,22-23); os anjos também estavam comigo ali, naquele quarto, rezando ao meu lado pelas intenções do meu coração: por Joe.

Por favor, não me entenda mal. Não sou dado a voos místicos, visões e discursos grandiloquentes. Minha família e meus amigos mais próximos são testemunhas de que não costumo me deixar levar pela euforia. Também não

penso que a minha experiência tenha sido extraordinária. Penso que vivenciei, por um momento, uma manifestação elevada das coisas que são mais verdadeiramente ordinárias. Esse é o pano de fundo da nossa vida cotidiana: os anjos e os santos estão conosco como testemunhas, amigos e familiares. Nunca estamos sozinhos. Nunca precisamos ter medo. Esse é um corolário básico da nossa salvação, mas é também um fato do qual nos esquecemos facilmente.

O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada! Em todas as circunstâncias apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas e a ação de graças (Fl 4,5-6).

Na medida em que comuniquei a Deus os meus medos, fui ficando mais consciente da presença dos santos. Eles eram, em certo sentido, mais presentes do que eu: mais despertos, mais vigilantes, mais vivos em Deus. Eram como irmãos mais velhos que vinham em socorro do cachula que tinha se machucado. Minhas orações se tornaram uma conversa que incluía todos eles. Mais uma vez, deduzi que não me surpreenderia se alguém acendesse as luzes e eu os visse ali, dentro do quarto.

Senti que podia continuar rezando assim a noite toda, mas então pensei que seria muito egoísmo da minha parte, já que estaria completamente exausto pela manhã, quando Joe fosse ser operado. Eu sabia que precisava me levantar e dormir um pouco.

Foi aí que me ocorreu outra coisa: pelas últimas duas horas e quarenta e cinco minutos, Joe não havia emitido sequer um som: nem um choro nem um gemido nem uma reclamação. Passara aquele tempo todo dormindo tranquilamente.

Não cheguei a sentir que um milagre havia ocorrido. Apenas senti certa paz. Fui até a imagem de Nossa Senhora, que já estava no quarto quando chegamos, e rezei um Terço para encerrar a noite.

A ciência dos santos

Acordei por volta das oito horas e notei que Joe ainda estava dormindo. Ouvi vozes abafadas no corredor e reconheci uma delas como sendo a do médico. Quando ele olhou para dentro do quarto através da porta, fiz um gesto para que falasse baixinho. O doutor me avisou que já estava preparando uma equipe para dar início à cirurgia.

Expliquei que a dor havia mudado de lado durante a noite e que Joe ficou até tarde chorando, mas que por volta da meia-noite havia parado. Contei também que eu tinha ficado de joelhos, rezando.

Ele sorriu de maneira indulgente, porém cética.

De repente, Joe acordou, sentou-se na cama e disse: «*Buon giorno!*» Na noite anterior, ele mal conseguia ficar sentado sozinho.

O médico ficou visivelmente surpreso. «*Buon giorno, Giuseppe*», disse ele. «Como se sente?»

Joe bocejou e respondeu: «Ótimo». Ainda com aquele olhar cético, o médico levantou a camiseta dele e fez pressão sobre os dois lados do abdome.

Enquanto era examinado, meu filho foi contando que a dor havia passado de um lado para o outro durante a noite, mas depois havia sumido.

O médico ficou incrédulo e pediu alguns exames. Durante as três horas seguintes, as enfermeiras colheram sangue e encaminharam as amostras ao laboratório.

Por volta do meio-dia, o doutor reapareceu, coçando a cabeça. «Não sou um homem religioso», disse. «Sou mais científico. Não acredito em milagres. Mas quando se exerce a medicina em Assis, é comum encontrar coisas desse tipo, coisas que a ciência não consegue explicar».

E isso – penso eu – é a verdadeira ciência, ou a «ciência dos santos», como disse Edith Stein. Esse é o tema deste livro.